

Coluna do Castello

Nada mudou ainda na campanha eleitoral

A rodada de pesquisas devolveu a Fernando Collor o favoritismo no mesmo nível do período anterior à ligeira queda registrada na penúltima semana. Não se alterou, portanto, o quadro da campanha, e os esforços dos demais candidatos para enfrentar a ascensão do candidato do PRN ainda foram inócuos. Nem Ulysses conseguiu ajustar seu nível de preferência ao do grande partido que comanda, nem Brizola ou Lula se expandiram. Pelo contrário, houve queda generalizada, sobretudo do representante do PMDB nessa disputa, o qual ficou mais longe da sua meta atual de igualar seu índice ao do partido. A candidatura de Lula também entrou em crise, e há uma visível tendência de reavaliação dos métodos em curso para identificar a insuficiência da campanha. Brizola está estacionário, e em seu favor continua apenas o dado de que mantém a dianteira nos dois Estados que governou, indicação importante de que por onde ele passou no governo não gerou tantas decepções quanto dizem seus adversários.



Um fato a se levar em conta é que o Ibope informa que 57% do eleitorado ainda não têm candidato, e isso ocorre principalmente entre analfabetos e eleitores de baixa renda (2,5 salários mínimos). O universo pesquisado que já toma posição na luta é aproximadamente de 38%, o que equivale a dizer, salvo melhor interpretação dos especialistas em pesquisa de opinião, que Collor, por exemplo, tem 42% de 38% e Brizola 12% da mesma cota base já definida. Os matemáticos que façam os cálculos para verificar qual parcela do eleitorado já está com idéia aproximada do voto a dar em 15 de novembro. Parece claro que, configurado esse panorama, a divulgação das pesquisas tem influência na definição dos analfabetos ou pobres ainda não alcançados pelo debate ou pelas máquinas de propaganda, eletrônicas ou não.

Na noite passada, assistimos ao primeiro programa de debates com diversos candidatos, não todos, pois dois deles se negaram ao espetáculo e outros nove tiveram seus nomes ratificados por convenções apenas no sábado, último dia em que isso podia ser feito. Tal como no improvável debate entre ricos e pobres que o presidente Bush evita no plano internacional, verifica-se quão difícil parece a troca de opiniões entre o pessoal do 0,1% e os milionários acima dos 10%, ou aqueles

que têm suas esperanças respaldadas por se inserirem em grandes unidades partidárias. A legislação brasileira não propicia reuniões válidas e não há, como no plano da política mundial, ninguém com poder de veto equivalente ao do presidente dos Estados Unidos. A multiplicidade de convidados à mesa redonda não contribui para a eficácia da apresentação de programas válidos, e o debate tende a tornar-se surrealista.

Claro que escrevemos antes da apresentação dos candidatos na televisão, mas as razões acima expostas parecem suficientes para justificar a ausência de Fernando Collor, o milionário das intenções de voto manifestadas, e Ulysses Guimarães, o mais rico latifundiário de partido do país. Ambos não tinham o que fazer numa apresentação que terá dado a impressão de que são equivalentes os pesos específicos dos postulantes da presidência da República. Collor e Ulysses nada teriam a ganhar ali, e provavelmente teriam de se defrontar com provocações, inevitáveis por mais cuidadosa que tenha sido a condução do programa. Ausentes, os dois devem ter sido o alvo principal da indignação dos seus concorrentes, apesar dos modestos 3 e poucos por cento de Ulysses Guimarães. É pouco, mas pode crescer, e os outros candidatos, em sua maioria, têm pouco e sabem que jamais crescerão.

A preferência dos jornalistas

Em 20 estados, 7.121 jornalistas depuseram nas urnas da Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), que realizava a eleição da sua nova diretoria, seus votos de preferência nos candidatos a presidente da República. Tal como previsto, Lula tem o maior apoio na classe (ou na categoria, com se diz hoje), com 1.895 votos, com vitória em São Paulo, Acre, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás e Minas Gerais. Brizola foi o segundo, com 1.429 votos e o primeiro lugar no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paraná, Ceará e Piauí. Mário Covas foi o terceiro, com 1.284 votos, ganhando em Brasília e Mato Grosso, e sendo o segundo em São Paulo. Seguiram-se Roberto Freire, com 945 votos; Fernando Collor, com 699; Afif Domingos, com 343; Ulysses Guimarães com 249; Paulo Maluf, com 148; Caiado, com 56; Aureliano, com 53; Afonso Camargo, com 18; e 2 votos dados a Gemayel, que não conseguiu ser candidato.

As percentagens variam de 26.6% para Lula a 0,25% para Camargo. Brizola mereceu 20.7% e Covas 18%. Ulysses Guimarães, como se viu, ficou abaixo de Afif, amargando um sétimo lugar.

Na Fenaj, Armando Sobral Rollemberg, do PSB, reelegeu-se presidente com 1.300 votos de vantagem. Seu competidor foi Freitas Neto, do PCB, que venceu em Brasília por 37 votos. Ambos foram apoiados por coligações partidárias.

Carlos Castello Branco